«Ninguém imagina que num instante possa perder tudo.»

O Lugar das Coisas Perdidas
Susana Piedade

Capítulo 1
Elias

A solidão é daquelas coisas que nos põem à prova. Espera-nos, reserva-nos um lugar e, num ato final, ri-se de nós — da nossa patetice, da nossa insignificância.

Ah, esta vida… Que fiz eu para merecer viver mais do que devia? Pensei que setenta anos chegassem, mas já os ultrapassei em dois. O que faço com este tempo que me resta?

Já sou velho, e os mais novos não querem saber do que digo. Mas aquilo que aprendi na vida é que há uma altura em que ficamos sós. E esse momento há de chegar para cada um de nós.

Talvez as pessoas achem que vão ter companhia para o resto das suas vidas…

Mas não é bem assim.

Se assim fosse, não estaria a perder o sentido aos dias.

Os meus filhos não me teriam abandonado.

A minha Aurora não teria morrido.

Eu não estaria a viver sozinho numa casa que me parece demasiado grande para uma só pessoa.

Solto um suspiro prolongado, que se mistura na invisibilidade do ar.

De nada me vale queixar. A memória é daquelas coisas danadas e, quanto mais velho fico, mais ela se aviva — não as memórias recentes,

essas esqueço-as de vez em quando; mas as antigas, essas estão presentes como tatuagens.

Como se as estivesse a reviver.

Entretenho-me a esculpir em madeira. Sento-me na minha cadeira de verga no jardim, sob o pequeno telheiro, e trabalho nas peças. Já o meu avô Carlos, na aldeia, o fazia. É um ofício que está a morrer — e vai morrer comigo, porque nenhum dos meus filhos ou netos parece interessado em perpetuá-lo.

— Olá.

Franzo o sobrolho. Quem é que falou? Olho em volta, segurando no cabo da goiva, pronto a atacar o intruso que se enfiar na minha casa.

— Estou aqui.

E olho para cima, vejo-o: um miúdo de cabelos castanhos, fartos, a acenar-me da varanda da casa do vizinho. Suspiro outra vez, e abano a cabeça.

O meu sossego acabou.

— O que é que você está a fazer?

— Não me chateies. — Nem sequer olho para ele.

Não gosto que me interrompam. Durante toda a minha vida, houve sempre coisas mais importantes do que eu — o trabalho, onde me esfalfei; a mulher, que queria ir aqui e ali; os filhos, que precisavam de ajuda para isto e para aquilo. Habituei-me a estar só. De quem eu gosto, já não me interrompe — pelo menos, não sem telefonar antes. A única coisa que peço nos meus dias finais é um pouco de paz.

O miúdo cala-se. Até que enfim!

Esta peça será um lobo. Estou a fazer uma coleção de animais selvagens — já tenho um tigre, um urso e uma corça. Quando era miúdo, não havia brinquedos como aqueles que ofereci aos meus filhos. Então, na aldeia, era este o ofício que nos entretinha depois dos longos dias de trabalho no campo, sob um sol tórrido que nos deixava a pele morena.

O focinho é uma parte difícil. Tenho aqui uma imagem para me orientar, mas não deixa de ser complicado.

— Isso é um animal?

Lá está o rapaz a chatear-me!

Suspiro.

— Miúdo, deixa-me concentrar!

Volto a cinzelar a madeira.

— Eu chamo-me Santiago.

Santiago. Esses nomes que metem agora aos miúdos!

— Tu não desistes? — Desta vez, encaro-o. Reparo naquele rosto arredondado de criança e nos olhos grandes e abertos como os de uma coruja a fitar-me, causando-me arrepios. — Não vês que estou a trabalhar?

— A trabalhar? Mas você não é velho?

— Velho!? Nunca se é demasiado velho para trabalhar. E, com a tua idade, já andava a trabalhar no campo!

— Você sabe que idade tenho?

O mais irónico é que o rapaz, o Santiago, ou lá como ele se chama, tem um tom de profunda curiosidade na voz.

Mas quem é que me quer ouvir?

— Não — respondo, sem interesse.

— Eu tenho dez anos. — Pelo canto do olho, vejo-o mostrar duas mãos abertas.

Fecho os olhos. Já sinto uma dor de cabeça a latejar.

— Não devias estar na escola?

— Hoje é sábado.

Abro os olhos. Sábado? Franzo o sobrolho e fito os pequenos olhos do lobo. Estou a perder a noção dos dias.

— Isso é um brinquedo?

— Hã?

— Isso é um brinquedo?

— Brinquedo? — Olho para ele, arqueando a sobrancelha. Levanto o lobo na sua direção, para que ele possa vê-lo melhor. — Isto é uma escultura, rapaz!

— Parece fixe.

Fixe. Os meus netos dizem isso. Já não se fala como antigamente. Quando gostávamos de alguma coisa, na minha terra, dizíamos: «E que rico canteiro!» Agora, *fixe*?

— Como é que você se chama?

E o raio do miúdo não se cala! Que chato!

— Não tens trabalhos de casa para fazer?

— As aulas ainda não começaram.

Olho para o rapaz. Ali está ele, apoiado na balaustrada, à minha direita, inclinado para o meu jardim. Está a espiar-me.

— Nunca ouviste dizer que, enquanto se capa, não se assobia?

— O que é que é capar? — pergunta-me, confuso.

Abano a cabeça e continuo a descascar madeira.

— Ouve, rapaz, só quero trabalhar. Deixa-me em paz, está bem?

Ele pousa o queixo sobre as mãos, que repousam na balaustrada. Parece ter ficado triste com o que lhe disse.

Mas, caramba, só quero sossego! O artesanato requer concentração, e ele distrai-me amiúde.

Logo tinham de construir estas casas cá. Eu estava bem aqui, nos subúrbios da capital, mas essa começou a ficar cara. As pessoas começaram a lembrar-se deste sítio *remoto*, que até tem ligação direta de comboio a Lisboa e é mais sossegado que a confusão da cidade.

Lembraram-se agora, depois de entregarem a capital aos turistas e aos negócios dos estrangeiros, em vez de aos nossos!

Fernão Ferro era uma zona sossegada. Tenho casa aqui, e havia outra ali e acolá, mas nada mais do que isso.

Até que veio para aqui a sobranceria lisboeta, com os seus carros novos e o trabalho das nove às seis, carregados com horas de trânsito na Ponte 25 de abril.

Este miúdo há de ter pais assim.

E eu desconfio de gente dessa. Muito.

Capítulo 2
Santiago

Volto para dentro de casa. Talvez haja algum livro na estante que não tenha lido.

Mas não há. Já os li todos, e os meus pais não me querem comprar mais. Dizem que não têm dinheiro. Mas o pai comprou um carro novo no outro dia.

Encolho os ombros. Vou para o computador jogar *Minecraft*. Sempre tenho a minha casa, e estou a pensar explorar a mina abandonada, cheia de monstros e de teias de aranha.

Mas, antes, espero pela noite, para praticar. É quando aparecem os *zombies*, os esqueletos, e os *creepers*. Vejo uma aranha dirigir-se a mim e consigo derrotá-la num ápice com a minha espada encantada com fogo. Começam a aparecer mais, ataco-as. Ouço os estalidos de esqueletos.

Oh, não, estou numa zona muito escura e não trouxe tochas.

Brando a minha espada. Talvez os consiga matar a todos. Mas, quando um *zombie* me toca, começo a arder também.

Recuo e ouço o sibilar de um *creeper*.

Boom.

Explodi.

Suspiro e deito a cabeça sobre o teclado. Não acredito que morri. Tinha acumulado tantos pontos de experiência!

Desvio o olhar para o relógio do computador, e levanto a cabeça. Os meus pais já deviam ter chegado das compras.

Será que aconteceu alguma coisa? Vou até à varanda da frente, para ver se os vejo.

Mas nem sinal do *Mercedes* do pai.

Sinto uma vibração no telemóvel e retiro-o do bolso. É uma mensagem da mãe.

Não vamos almoçar a casa. Tens macarrão com queijo no frigorífico.

Fico a olhar para a mensagem. Os meus pais não vêm almoçar comigo.

Outra vez.

Guardo o telemóvel no bolso e vou buscar a comida ao frigorífico. Tiro o pequeno *Tupperware* com o macarrão com queijo e deito-o no prato. Ponho-o no micro-ondas, com a proteção por cima.

Qual é que era o tempo? Não me lembro. Vou à procura do *post-it* amarelo que a mãe costuma deixar ao pé do micro-ondas, mas não o encontro. Abro e fecho todas as gavetas da cozinha, mas nem sinal dele.

Vou ter de arriscar.

Coloco a temperatura máxima e o temporizador nos cinco minutos. Deve ser isso.

Vou para a sala enquanto espero pelo barulho do micro-ondas. Aproveito para ligar a minha *PlayStation* e jogar um pouco de *Fortnite*. Gosto deste jogo — faz-me pensar rápido. Além disso, estou a jogar *online*, com pessoas de verdade.

O *ding* do micro-ondas soa pela sala. É hora de ir almoçar. O meu estômago ronca de fome. Talvez tenha um monstro esfomeado dentro de mim.

Agarro no meu prato, mas está demasiado quente! Sacudo os dedos e sopro, mas a sensação continua lá. As pontas dos meus dedos estão vermelhas. Passo-as por água.

É melhor agarrar no prato com as luvas do forno. Onde é que elas estão? Procuro-as, mas não as encontro. Onde é que a mãe as pôs?

Agarro num pano de limpar a loiça e tento retirar o prato com jeitinho, como diz a avó lá do Norte. Os dedos ardem, e raspá-los no pano não ajuda.

Ai, ai, ai, ai!

Pouso o prato fumegante na mesa. Vou buscar um copo de água, o garfo e a faca, e sento-me a comer. A primeira garfada é dolorosa. Queima-me a língua e o céu da boca! Já tenho os olhos a arder. Bebo a água do copo até ao fim. Ela escorre-me pelo queixo e molha a camisola.

Já me sinto melhor. Mas, pelo sim pelo não, vou buscar cubos de gelo ao congelador. Sou capaz de precisar deles.

Volto a sentar-me. Como mais devagar. Estou cheio de fome, mas tenho de aguentar. Já tenho as pontas dos dedos, o céu da boca e a língua queimados. A mãe não vai gostar de saber. É melhor não lhe dizer.

Quente! Quente outra vez! Retiro um cubo de gelo da forma e coloco-o na boca. O frio sabe bem. Trinco-o quando ele derrete quase todo, e engulo-o.

Não vieram almoçar comigo. Onde terão ido? Será que foram ao jardim zoológico sem mim?

Pouso o garfo. Eles não fariam isso.

Pois não?

Suspiro. Já durante a semana chegam tão tarde… Às vezes, vou dormir e nem sequer os vejo. Trabalham muito. Os chefes deles são maus.

Só queria ter um livro novo para ler. O pai tem uns livros de um autor chamado Ken Follett, mas não me parecem interessantes. Só me falta ler o último livro da saga do Harry Potter, *Harry Potter e os Talismãs da Morte*, mas nem a mãe nem o pai ainda tiveram tempo de ir comigo à livraria comprá-lo.

Acabo de comer e vou lavar o prato, que ainda está quente, mas não tanto. Subo ao banco e lavo-o com o detergente e o esfregão. Mas, quando levanto o prato, escorrega-me das mãos.

Parte-se.

Oh, não, este prato é daquela coleção que a mãe gosta, a *Vista Alegre*!

Oh, não, oh, não, oh, não!

O meu coração bate muito rápido. Não sei o que fazer.

Vou buscar um saco e ponho o prato lá dentro. Saio lá para fora e deito-o no caixote do lixo.

Pode ser que a mãe não descubra.

Mas, se descobrir, nunca mais vai gostar de mim.

Capítulo 3
Elias

— Maria, filha! — sorrio ao telefone, quando ela atende.

«Olá, pai… Como estás?»

Há algo de estranho na voz dela. Parece triste.

— Vai-se andando, e tu? E os miúdos?

«Tudo bem. Pai, não é uma boa altura para falar.»

A princípio, não sei o que dizer. Demoro algum tempo a responder:

— Ah, desculpa… Queres que ligue mais tarde?

Silêncio do outro lado.

— Maria?

«Sim, pai. Estavas a ligar por algum motivo?»

Ouço choro do outro lado. Deve ser a minha neta mais nova, a Madalena. Lembro-me de quando lhe peguei ao colo da primeira vez — de como era pequenina e frágil. Tive a mesma sensação quando peguei na Maria quando ela nasceu. Nem acredito que já se passaram quarenta anos desde esse momento.

— Só para saber como estavam. Já tenho saudades vossas.

«Sim, nós também, mas podemos falar noutra altura?»

Engulo o nó que se forma na minha garganta.

— Claro — murmuro.

«Adeus, pai.»

— Até à pr…

Desliga antes que possa despedir-me.

Pouso o auscultador, e suspiro. Olho pela janela, por onde entram os últimos raios de sol, que iluminam as partículas de pó dançantes. Os meus olhos humedecem com a conversa rápida que tive com a minha filha.

Fugaz.

Pelo menos, pude ouvir a voz dela. Isso já me devia bastar.

Mas não basta. Nunca basta.

Levo o polegar e o indicador aos olhos e respiro fundo. De nada me vale ficar aqui dentro.

Saio para o jardim, e sinto de imediato o beijo da brisa quente. Alguma coisa ainda é gentil comigo.

A vida é assim — vou ficando velho, com dores nas costas, e com menos vontade de me ocupar com coisas inúteis.

Está a anoitecer, são quase nove da noite. Este verão que se estende por setembro é agradável. Não é como aqueles tórridos julho e agosto, em que não se pode estar em lado nenhum.

Rego a laranjeira e a clementineira, as árvores que já cá andam há muitos anos neste pedaço de relva. Ainda tenho um jardim como deve ser — com espaço para uma criança brincar e um cão correr. Nestas casas novas que aqui construíram ao lado, o jardim resume-se a um chão pavimentado em pedra branca e a um churrasco em tijolo. Nem espaço para árvores têm, é uma vergonha!

Contemplo o céu. As cores do crepúsculo são espetaculares, não há dúvida. Fazem-me lembrar os meus tempos de juventude, em que ia com os gaiatos da aldeia lançar papagaios.

Já houve tempos felizes na minha vida.

Não posso dizer que ainda não haja… mas são diferentes. Muito diferentes. Os filhos estão no estrangeiro, cada um em seu país. O Francisco está em Inglaterra; a Maria, na Alemanha; o Sérgio, na Suécia.

Suspiro.

Não há um momento em que pensar no Sérgio não me provoque pontadas no peito.

Regresso por instantes para dentro de casa e seguro no telefone. Quando agarro no auscultador, engulo em seco. Mas, caramba, se não tentar, como saberei?

O primeiro toque lança-me uma onda fria de arrepios; o segundo põe o meu coração a bater com mais vigor e ansiedade; o terceiro acelera-me a respiração.

Ao sétimo, já todas estas sensações abrandaram. A esperança cai como uma cortina que fecha um palco. Não tarda até surgir a voz irritante do atendedor de voz automático.

Atiro o auscultador para cima do telefone, desligando a chamada. Ele acaba por cair e fica pendurado pelo fio encaracolado, emitindo um som que já mal ouço — o da finitude do contacto.

Volto lá para fora, de maxilar cerrado. Não suporto o silêncio que se propaga por esta casa. E, raios, logo tinha ele de se chatear comigo por querer ajudá-lo!

Ele queria um pedaço do terreno que tínhamos lá para aldeia. Queria lá fazer uma casa. Compreendo — talvez quisesse regressar para Portugal com a família. Ou talvez não, não sei. Aquela mulher dele não se aguenta cá, não gosta do calor.

A Aurora adoeceu. A minha pobre mulher, que deu à luz cada um dos meus filhos, agoniava com as dores do mal ruim que lhe ocupava o corpo. Ainda hoje acordo a pensar que ela está a dormir ao meu lado.

Vendi tudo — terrenos, um par de carros de coleção do meu pai, que tive muita pena de deixar ir, e até uma adega que tínhamos lá para o Norte e que estava na minha família há três gerações.

O Sérgio ficou fulo.

Nunca me perdoou por ter vendido aquele terreno que ele queria. Mas fi-lo pela mãe dele — que ele nunca veio visitar enquanto ela esteve no hospital! Veio ao funeral, altura em que fiquei feliz por o ver, mas quando também o quis abanar pelos ombros para o fazer ver o quão injusto estava a ser.

Diz-se que o amor pelos nossos filhos supera tudo, mas o que sinto pelo meu mais velho, além do amor de pai, claro, é amargura e desilusão. Já tentei conversar com ele — a minha mãe dizia que era pela conversa que as pessoas se entendiam —, mas, sem ser para passar o telefone aos netos, que mal falam português, ele nunca mais me dirigiu a palavra.

A Maria e o Francisco são mais amigáveis, mas vêm cá poucas vezes. Às vezes, pegam no carro e viajam até aqui — como têm, cada um, dois filhos mais dois cães, preferem fazer a viagem por terra. Mas é raro.

Vieram no Natal, no ano passado. De resto, vamos falando por telefone. Quando dá.

Durante a maior parte do tempo, tento não pensar nisso, mas magoa-me que os filhos estejam tão longe. Com a minha idade, embora já não veja como dantes, era capaz de pegar no carro e ir visitá-los a Portimão, a Viseu e até a Viana do Castelo! Podíamos fazer jantares de família aos domingos, como vejo alguns vizinhos fazerem.

Não tenho essa sorte.

Por isso, sim, a minha vida já foi mais feliz. E que saudades tenho desses tempos!

O som de um carro a estacionar na garagem, seguido da vista de soslaio do *Mercedes* imponente do vizinho, desperta-me dos pensamentos.

Para quê um carro tão grande? Uma carrinha? Para quê, se só têm um filho?

Não me devia ralar com estas coisas, mas esta gentinha irrita-me. A mulher sai do carro e endereça-me um sorriso forçado, desagradada por me ver. O homem levanta e baixa o queixo na minha direção, como se isso substituísse um «boa tarde».

Entram em casa com os seus fatos de gente importante. A esta hora, o miúdo já deve estar esfomeado. Na volta, já comeu todas as porcarias que encontrou no frigorífico.

Nem sei porque é que penso nestas coisas. Não é o meu filho, nem me interessa a vida que levam. Só me lembrei porque o miúdo me parece passar muito tempo sozinho em casa.

Lá se deve entreter com aqueles aparelhos e a Internet. Os miúdos de hoje em dia não sabem brincar. Quando eu era gaiato, íamos andar de bicicleta pelas montanhas, apanhávamos medronhos.

Era assim que começavam as nossas bebedeiras em pequenos.

Mas o miúdo enfia-se dentro de casa a jogar aqueles jogos, isolado do mundo.

E lá estou eu a pensar em coisas que não me interessam!

Tenho de pôr uma cerca em cima do muro — não me agrada ter de olhar para esta gente quando saio para o jardim.

Capítulo 4
Santiago

Os meus pais já chegaram. Ainda não jantei, porque não havia nada no frigorífico. Comi as duas bolachas que restavam na caixa.

São nove e meia e eu estou roído de fome.

— Olá, mãe. — Corro até ela para lhe dar um beijinho, mas está a olhar para o telemóvel.

— Olá, Santiago. — Passa por mim e faz-me uma festa apressada no cabelo.

O pai traz dois sacos com comida que devem ter ido buscar a um restaurante.

— Olá, pai. — Dirijo-me a ele para o abraçar, mas ele nem chega a fechar os braços, pelo que o abraço fica a meio.

Põe os sacos em cima da bancada. Quando abre a porta do armário, volta-se para mim e, depois, para a mesa.

— Já puseste a mesa, Santiago?

— Sim. Assim, podemos comer logo.

— Boa.

Sentamo-nos a comer. O pai abre as caixas de plástico com a comida daquele restaurante indiano que há em Lisboa. Cada um de nós retira uma porção para os nossos pratos e começamos a comer.

Olho para os meus pais. Parecem exaustos, como se tivessem estado acordados dois dias de seguida. A mãe continua a mexer no telemóvel, e o pai também vai ler as notícias à Net. Vejo o logótipo do jornal *Expresso* no canto superior do telemóvel dele.

Só se ouvem os talheres nos pratos. Estou esfomeado, esta comida sabe ao céu. E nem está assim muito picante. Mas não gosto deste silêncio que se entranha nas paredes desta casa, que ainda cheira um bocado a tinta.

— Vou para a nova escola na próxima semana.

A minha mãe levanta os olhos do ecrã e olha para mim com a testa franzida.

— Já é na próxima semana?

— Sim. Eu disse-te há dois dias.

Ela leva a mão ao rosto e suspira.

— Já me tinha esquecido…

— Sabes onde apanhar o autocarro, não sabes? — pergunta o meu pai. — Se fores sempre em frente, vais dar a uma rua com uma casa cor-de-rosa. Está lá um poste com um cartaz da Fertagus. Já tens o horário, não tens?

Penso por momentos.

— Não.

O meu pai franze o sobrolho.

— Então, mas não te demos um?

Abano a cabeça. Nunca vi nenhum na minha vida. Para ser sincero, estou nervoso. Até ao quarto ano, andei num colégio, e o senhor Isidro, que conduzia a carrinha para a escola, levava-me e trazia-me sempre a casa. Nunca andei de autocarro e tenho medo de me perder.

— Temos de ver se passamos na estação de comboios para lhe ir buscar um — diz o meu pai à minha mãe. — Pode ser que tenha tempo amanhã, na hora de almoço.

— Então, mas ele não pode ir à Net buscar isso? — A minha mãe vira-se para mim. — Vais ao *site* da Fertagus e imprimes o horário. Sabes usar a impressora, não sabes?

Digo que sim com a cabeça, embora não saiba. Aquela impressora é complicada. Tem demasiados botões e um ecrã em inglês, língua que ainda estou a aprender.

— Pronto, está resolvido; escusa o teu pai de sair do trabalho para ir de propósito à estação.

Continuamos a comer. As minhas mãos começam a tremer. Tenho medo de não conseguir imprimir o horário — a mãe vai zangar-se comigo se não o fizer. Ainda não sabe que eu parti o prato da sua coleção preferida. Vou ter de pesquisar no YouTube como é que se mexe na impressora.

— Quando é que vamos comprar os meus cadernos?

Os meus pais olham um para o outro.

— Quando tivermos tempo. — A mãe não parece contente. — Agora, come e cala-te. Preciso de um bocadinho de sossego.

Fecho a boca. Lanço um olhar ao meu pai, que ele não retribui. Tenho nós na garganta.

Só queria que os meus pais me ajudassem de vez em quando. Mas estão sempre tão cansados do trabalho que não conseguem. Mesmo quando tinha trabalhos de casa difíceis, tive de os fazer com a ajuda do Google e de aulas do YouTube. O professor via os trabalhos e perguntava-me porque é que não pedia ajuda aos meus pais.

Espero que, nesta escola, haja uma biblioteca para onde possa ir para fazer os meus trabalhos de casa. Posso sempre pedir ajuda aos professores.

Saio para a varanda. Está um dia de sol quentinho. Gosto destes dias. Gostava que tivéssemos uma piscina, como aquela que o Tomás tinha na casa dele, com relva à volta.

O problema é que este chão está coberto de pedras e, se as retirarmos, vamos estragar a casa. Talvez pudéssemos ter uma daquelas piscinas de plástico.

Mas os meus pais não deixam. Também não iriam aproveitá-la, porque não têm tempo. Mas não há problema em sonhar — na minha cabeça, consigo criar todo o tipo de realidades alternativas.

A vista daqui é bonita: ainda vejo um pedaço de terreno com pinheiros, e o sol põe-se atrás deles. Fico a olhar para a bola gigante vermelha a derreter no horizonte, como um bocado de plasticina esmagada.

Ouço o som de descascar. Volto-me para a esquerda, e ali está ele: o senhor que faz aqueles brinquedos de madeira. Ou eram esculturas? Parece uma escultura em ponto pequeno, mas, daqui, não consigo ver bem.

— Boa tarde! — aceno.

O vizinho levanta a cabeça devagar e olha-me com ar aborrecido. Engulo em seco. Aquele olhar assusta-me. Por outro lado, o senhor tem um aspeto engraçado: cabelos brancos até aos ombros, penteados para trás, e uma barba branca, não muito comprida.

Se não soubesse que essa história é mentira, diria que ele era o Pai Natal. E mora mesmo ao meu lado!

— Sou o Santiago. Lembra-se de mim?

— Estou ocupado.

Tem uma voz rouca e ríspida. Parece não gostar que conversem com ele, mas estou tão curioso com o que ele está a fazer que não resisto em dizer:

— Você disse no outro dia que estava a fazer esculturas, mas, daqui, parecem-me brinquedos.

— Porque é que haveria de estar a fazer brinquedos? Isto parece-te algum brinquedo, porventura?

— Não consigo ver daqui…

— Ó rapaz, vai lá para o teu computador, ou o que quer que jogues.

— Já joguei um bocadinho.

O homem suspira e abana a cabeça. Pergunto-lhe:

— Como é que você se chama?

— Miúdo, deixa-me em paz.

— Só lhe perguntei o nome…

— Se eu to disser, deixas-me sossegado?

Digo que sim com a cabeça. Ele suspira, chateado por ter de responder:

— Chamo-me Elias. Pronto.

Sorrio. Pouso o queixo nas costas das mãos, em cima da balaustrada. Observo o trabalho do senhor Elias. Tem uma imagem de uma girafa sobre uma pequena mesa, com quatro pedras em cada canto, para não voar. Vejo-o descascar um pedaço de madeira longo, que penso ser o pescoço.

Nunca vi ninguém fazer aquilo. Sei que há pessoas que fazem esculturas em gesso, mas não sabia que também o faziam em madeira. Parece tão complicado — se ele descascar a mais, arrisca-se a que o animal fique estranho: com um pescoço demasiado fino ou uma orelha mais pequena do que a outra.

Finalmente, o vizinho disse-me o nome dele. Já sei que se chama Elias. Pensei que se chamasse Nicolau ou Silvestre, mas acho que estou

a pensar naqueles desenhos animados que via quando tinha sete ou oito anos.

Que idade terá ele? Tem o aspeto de um avô. Mas vive sozinho. Pelo menos, nunca vi a mulher dele. Também só nos mudámos para aqui há um mês, por isso ainda não sei nada sobre os vizinhos. Não sei se há miúdos da minha idade aqui na rua. As pessoas estão sempre fechadas em casa ou no trabalho.

Mas o Elias vem cá para fora fazer a escultura da girafa. Deve estar a aproveitar o sol e o calor que resta do verão.

Só espero que continue a sentar-se no jardim quando começar a ficar mais frio.

Capítulo 5
Elias

Esta girafa faz-me lembrar o safari que fiz no Quénia, há trinta anos. Trinta anos!

Não fomos a África com o intuito de caçar, mas de observar a vida selvagem no seu estado mais puro. Ainda me lembro dos elefantes, das orelhas a abanar, como se fossem asas; dos leões, com jubas imponentes; e das girafas, que comiam as folhas das copas das árvores com toda a calma do mundo. A paisagem árida, que se estende em planos ondulantes com o calor, é de cortar a respiração.

Nunca me esquecerei.

Com os meus setenta e dois anos, posso contar décadas de vida sem dificuldade, e até posso dizer coisas como «há sessenta anos, eu roubava as laranjas do senhor Álvaro, um homem carrancudo e grosseiro que vivia na aldeia ao lado da minha.»

Talvez essa seja das poucas vantagens de envelhecer: podermos olhar para a nossa vida em blocos de décadas e perceber o que fizemos de bem e de mal. Há uma espécie de clarividência que advém da experiência, que nos permite prever o que vai correr bem e o que não vai. O passado ensina-nos tanto a respeito do futuro!

O miúdo continua a olhar para mim. Apesar de não me estar a bombardear com perguntas, está ali, na varanda dele, a observar-me como um gato.

O Santiago deixa-me desconfortável. Aliás, toda esta vizinhança me deixa assim. Não se vão ficar por estas casas. Quando, por acaso, encontrei o empreiteiro na rua, falou-me dos outros projetos que vão arrancar num espaço de seis meses. Não me coibi de lhe mostrar o meu desagrado. Não haverá pedaço de terra que reste depois destas construções todas.

E, depois, nem há descanso — durante o dia, os homens fazem barulho a trabalhar, e vem a chiadeira das betoneiras e dos carpinteiros a martelar… Já não há quietude neste bairro. E, na minha idade, o sossego é ouro. Não quero abdicar dele.

Foi por isso que liguei ao Joaquim para ele me vir pôr uma cerca em cima deste novo muro. Já que me tiraram a rede que aqui tinha antes, para poderem trabalhar, agora, que metam uma cerca. Disse que, em princípio, viria para a semana. Vamos ver. Ele costuma atrasar-se nas promessas.

— Para a semana, vou para a nova escola — diz o miúdo.

Suspiro. Olho bem para ele, para que possa ver o meu ar contrariado.

— Não disse para me deixares sossegado?

O rosto do miúdo fica mais tenso — mais melancólico, até.

— Nunca morei aqui, não sei como será a escola.

Encolho os ombros e gesticulo com a mão.

— A escola, aqui, vai ser igual a todo o lado.

— Não conheço ninguém…

Diz aquilo com uma tristeza que nunca conheci a uma criança. Quando andávamos na aldeia, a única altura em que ficávamos assim era quando levávamos com o cinto do pai.

Como os problemas mudam!

— Não te preocupes com isso.

O pescoço da girafa já está como quero. Agora, vou tratar das patas. Lascas vão caindo para o balde debaixo das minhas mãos, e este pequeno pedaço de madeira vai, pouco a pouco, tomando a forma que quero.

— Você conhece a escola?

Fecho os olhos e respiro fundo. Se me puser a gritar com o miúdo, ainda chamam a Polícia. E, na minha idade, quero tudo menos problemas. Talvez se o ignorar ele se vá embora.

Mas reflito acerca da pergunta. A escola a que ele se refere deve ser a básica, aquela grande que pintaram de cores estranhas, que não combinam.

Talvez os meus netos andassem lá, se não tivessem emigrado com os pais.

— Então, conhece-a?

Este miúdo não vai desistir. Ele não vai lá nem com gritos nem com desprezo. Mesmo quando o consegui afugentar, só se foi embora depois de muita insistência. Não estou para me enervar.

— É uma escola como outra qualquer. — Não olho para ele.

— Mas é grande? — O miúdo tem a voz embebida em curiosidade — Tem quantos edifícios?

— Agora assim, de cabeça, não me lembro. — Continuo a lapidar a minha pequena girafa.

— A minha escola antiga tinha dois edifícios. Nós tínhamos aulas sempre na mesma sala, porque havia uma para cada turma. Sentava-me sempre ao lado do Joel, na mesa da frente.

— Hum.

— Mas, agora que vim morar para aqui, nunca mais vou ver o Joel.

Deve ter saudades dos amigos. É complicado, consigo perceber isso. Contudo, esse não é o meu problema.

Ele devia falar com os pais sobre estas coisas, em vez de mas vir dizer, que sou um estranho. Será que os pais nunca o ensinaram a não confiar em estranhos?

— Francisco! Como é que as coisas vão aí em Londres?

«Pai, eu não estou em Londres, estou em Manchester. — Ele ri-se. — Confundes sempre Londres com Inglaterra.»

Sorrio com a minha patetice.

— É que eles falam muito de Londres nas notícias.

«Sim, mas Londres é a capital. Inglaterra é o país.»

— Ah, já percebi… Sabes, esta cabeça já não funciona como antigamente. — Solto um riso trémulo. — Como estás?

«Tudo bem. Continuo a trabalhar naquele escritório, e a Margarida dá apoio a uns miúdos com problemas de aprendizagem. Sabes, com dislexia e atrasos na linguagem. Os miúdos estão na escola, e é isso. De resto, está tudo bem.»

— Que bom. Fico contente. Vocês não estão preocupados agora com a saída do Reino Unido da União Europeia?

Como os meus filhos estão longe, leio todas as notícias que apanho, para saber o estado dos países onde eles estão. É uma forma de saber se estão bem, e… bem, ter um tópico de conversa.

Quando a Aurora era viva, falávamos mais, porque a mãe ligava todas as semanas para eles, ou eles ligavam para ela. A frequência das chamadas diminuiu com o tempo e com a morte da minha amada.

Tudo se passou tão rápido que é difícil precisar o momento em que as coisas mudaram de vez.

«Nem por isso. Temos contratos de trabalho estáveis, já cá estamos há dez anos e já tratámos da questão da residência.»

Ouvir estas palavras dói mais do que gostaria. Já lá estão há dez anos; a probabilidade de regressarem é mínima. E eu devia saber isso, mas… guardo sempre a esperança de que um dia regressem.

— Ainda bem.

Faço uma pequena pausa antes de me aventurar na pergunta que não me larga:

— Estão a pensar vir cá no Natal?

«Provavelmente, não. Os miúdos vão ter escola até tarde, este ano, e não acho que valha a pena a viagem.»

Não acho que valha a pena a viagem. Engulo os nós que se me formam na garganta.

— Tudo bem. Cuidem de vocês.

«Tu também, pai.»

Desligamos a chamada ao mesmo tempo.

Solto um suspiro prolongado. Tê-los longe custa-me muito. Quando a mãe deles ainda era viva, os jantares de Natal prolongavam-se até muito depois da meia-noite. Os miúdos corriam pela casa, na ânsia de abrir os presentes. Quatro casais à mesa, mais a tia Alice, todos a beber um bom vinho, seis crianças a brincar, gargalhadas infinitas.

Outros tempos.